

Componentes curriculares criados para Licenciatura em Educação do Campo

Nome: Estratégias de leitura, escrita e comunicação

Carga Horária: 48 horas

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

Tem como objetivo apresentar recursos para a/o estudante se apropriar criativamente da competência histórica da leitura, da linguagem escrita e da comunicação advinda destas formas de expressão no diálogo com outras formas de comunicação, escrita e linguagem. Criar situações coletivas e comunitárias de interação com o texto, bem como demonstrar sua potência para além da aquisição de habilidades de leitura e escrita. Com metodologia extensionista a disciplina possibilita ao estudante interação social e empenho no desenvolvimento de uma ação comunitária envolvendo leitura. O resultado da ação que envolve diretamente as comunidades quilombolas e caiçaras inserem a leitura de livros de literatura no cotidiano como forma de mediação da realidade.

Ementa:

Apresentar e discutir formas de compreender e interpretar o mundo coletivamente por meio da leitura. A formação em Ciências Humanas tem como um de seus pilares a maturação do espírito crítico por meio da leitura criteriosa do amplo legado teórico constitutivo das Humanidades. No nosso curso, a leitura será apresentada como uma atividade coletiva fundamental para a criação de laços comunitários e abertura de mundo, além de formar o/a estudante para o trato do texto. Estimular esse pensar crítico coletivo, como diz bell hooks, é ensinar comunidade. No curso serão exploradas as potências, da escrita como uma das formas de comunicação importantes para formação do professor e professora.

Metodologia extensionista:

Durante o processo de desenvolvimento da disciplina pretende-se estabelecer relações de parcerias com territórios, pessoas, coletivos e instituições que vêm praticando ou podem praticar leitura. Fará parte deste componente curricular uma carga horária equivalente a 1 crédito, correspondente a 12 horas de atividades específicas para serem realizadas pelos estudantes, com supervisão do docente responsável pela disciplina, a criação de um *clube de leitura comunitário* em que deve ser definido o público, o livro a ser lido (preferencialmente de literatura brasileira), a seleção de um mediador (que pode ser um discente ou algum membro da comunidade/instituição atendida), a forma de mediação, acompanhamento das atividades. O projeto é um piloto para ser realizado durante o processo de desenvolvimento da disciplina, mas fará parte da atividade o incentivo ao grupo que participar da primeira atividade a continuidade do *clube de leitura* após o final da disciplina. Para tanto, haverá ao menos uma sessão sobre o papel dos mediadores de leitura. O trabalho deve ser realizado ao longo do quadrimestre. O *clube* pode ser montado em escolas, bairros, mas preferencialmente em comunidades tradicionais e os encontros devem ser registrados com fotos e pequenos vídeos para divulgação da ação. Os discentes, com supervisão do docente da disciplina, podem optar no lugar da criação do *clube de leitura* pela criação de um espaço

de leitura (salas com livros e cadeiras ou biblioteca comunitária) e organização de ao menos uma atividade voltada a público externo, preferencialmente pertencente as comunidades tradicionais. Nesse caso, cabe aos discentes encontrar o local apropriado, fazer uma campanha de doação de livros e mobiliário mínimo e um coordenador/a da comunidade/instituição que possa cuidar do espaço continuamente e organizar no mínimo uma atividade (aula aberta, uma leitura coletiva, um lançamento de um livro, ou outra atividade cultura) no espaço. Em ambos os casos, *clube de leitura* ou *criação de espaço de leitura*, espera-se atender no mínimo 30 pessoas das comunidades envolvidas na primeira ação. Qualquer necessidade de recurso financeiro de transporte para os estudantes para realização das atividades será coberta pelos recursos da Capes destinadas ao curso de Licenciatura em Educação do Campo. A divulgação necessária para viabilizar a ação será feita pela coordenação do curso e coordenação local.

Bibliografia Básica:

PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade: São Paulo: Editora 34, 2009.
WALTON, Douglas N. Lógica Informal. Trad. FRANCO, Ana Lúcia R. & SALUM, Carlos A. L. São Paulo: Martins Fontes, 2006

SACRINI, M. Introdução à análise argumentativa. Teoria e prática. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. Leitura e escrita de textos argumentativos. São Paulo: Edusp, 2018

Bibliografia complementar:

BRETON, P. A manipulação da palavra. São Paulo: Loyola, 1999.

COSTA, Flávio M. Os melhores contos da América Latina, São Paulo: Agir, 2008
PETIT, Michèle, Os jovens e a leitura, São Paulo: Editora 34, 2012.

Nome: Territórios caiçaras: modos de produção da vida, modos de produção de saberes e do espaço

Carga Horária: 48h

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

Analisar os conceitos, discussões historiográficas, antropológicas, filosóficas e interpretações, bem como a produção local e escuta das comunidades acerca do modo de vida caiçara que permitam compreender as dinâmicas da constituição política, social e subjetiva destas comunidades. Compreender a cultura caiçara em suas múltiplas dimensões na articulação com os territórios e formas de produção do conhecimento. Disciplina de caráter extensionista possibilita aos estudantes e docente responsável pela disciplina um contato direto com a cultura caiçara por meio do contato com uma de suas comunidades para realização de uma oficina que deve contar com a participação de mestres de notório saber da região. Esse aprendizado é fundamental para formação da docência. Para a Universidade abre-se novas metodologias de ensino mediadas por culturas tradicionais.

Ementa:

Apresentar, produzir e reproduzir conhecimento coletivo sobre a cultura caiçara, seu modo de vida, produção e reprodução de conhecimento em múltiplas dimensões, no que diz respeito ao conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, na relação com a natureza e com os outros membros da comunidade e sociedade, modo de produção da vida (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não-materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos).

Metodologia extensionista:

Esta unidade curricular apresenta 12 horas de carga horária extensionista, as quais serão desenvolvidas da seguinte maneira: os estudantes se organizarão em grupos e com base nos conhecimentos produzidos no tempo-universidade e no tempo comunidade, irão co-produzir com as comunidades locais um encontro/oficina nas comunidades caiçaras (cada grupo definirá qual comunidade/localidade). O encontro/oficina deve levar para a comunidade no formato de roda de conversa, exibição de vídeo, atividade culinária, atividade cultural ou outras atividades as práticas caiçaras e seu modo de vida. Os objetivos das oficinas devem ser coerentes com os conteúdos trabalhados durante o quadrimestre. Cabe ao grupo, elaborar a

proposta, contatar os grupos (para tanto podem usar como base os diversos convidados e convidadas, mestres da região que participarão da disciplina, divulgar, realizar a oficina e registrar a atividade por meio de audios e vídeos. Espera-se que cerca de 20 a 30 pessoas participem da atividade. Os recursos necessários para o transporte de estudantes para realização da oficina estão previstos nos recursos oferecidos pela Capes. Os estudantes contarão com o apoio da coordenação do curso e coordenação local para divulgação da atividade.

Bibliografia Básica:

DIEGUES, Antonio Carlos. Enciclopédia Caiçara, 5 volumes. São Paulo: HUCITEC, 2004-06.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Caiçara: Terra e População. São Paulo: Edusp, 2006.

MUSSOLINI, Gioconda. Ensaios de Antropologia Indígena e Caiçara. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1980.

Bibliografia complementar:

MUSSOLINI, Gioconda. Organização econômica. Revista De Antropologia, 58(2), 10-37, 2015. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2015.108513>

RESSURREIÇÃO, Rosângela Dias. São Sebastião: Transformações de um povo caiçara. São Paulo: Humanitas, 202.

SETTI, Kilza. Ubatuba nos cantos das praias. São Paulo: Editora Ática, 1985.

WILLEMS, Emílio. A Ilha de Búzios. São Paulo: HUCITEC, 2003.

Nome: Sociologia das questões agrárias

Carga Horária: 24 horas

T-P-E-I: 2-2-0-2

Objetivos

Contextualizar a importância das Ciências Sociais Agrárias à formação da/do licenciado em Educação do Campo, buscando fornecer elementos suficientes para a compreensão e análise das principais questões agrárias e dos movimentos sociais ligados a elas. Conhecer, analisar e refletir sobre diferentes teses construídas nas interpretações sociológicas, abordando as transformações ocorridas nas últimas décadas, as permanências, as lutas e os conflitos no âmbito político-econômico, bem como aspectos culturais e movimentos sociais diversos que se articularam em meio a esse contexto.

Ementa

Apresentar e refletir coletivamente sobre os principais processos sociais direta ou indiretamente associados a questão agrária no Brasil. Enfatizando a diferenciação da pequena produção e o papel e políticas de Estado para o campo, bem como, as lutas sociais pela reforma agrária em suas múltiplas dimensões e camadas. Teoria e objeto da sociologia rural. Feição do capitalismo: Estruturas agrárias e relações sociais no campo. Movimentos sociais no campo. Relações entre campo e cidade. A luta pela terra.

Bibliografia Básica:

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (org.) Sociologia Rural. RJ. Zahar Editores. 1969.

_____, Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil. RJ.

STÉDILE, João Pedro. A Questão Agrária Hoje. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

MARTINS, José de Souza (org.) Introdução Crítica à Sociologia Rural. SP. Editora Hucitec. 1986.

SZMRECSÁNYI, T. E Queda O. (org.) Vida Rural e Mudança Social. Leituras básicas de sociologia rural. Companhia Editora Nacional. SP. 1973.

Bibliografia complementar:

BUZETTO, Marcelo. (2015). Reforma agrária e revolução socialista: a contribuição da análise marxista. *Revista Novos Rumos*, 52(1). <https://doi.org/10.36311/0102-5864.2015.v52n1.8251>

SZMRECSÁNYI, T. Pequena História da Agricultura no Brasil. São Paulo, Ed. Contexto, 1990.

SILVA, José Graziano. A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. 2 ed. Rev. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1998.

VEIGA, J. E. O que é reforma agrária. SP. Editora brasiliense.1981

Nome: Educação patrimonial popular e crítica

Sigla: LEC0002-24

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

Tem como objetivo apresentar referencial teórico e experimentar vivências que permitam aproximar as/os estudantes da formação em educação patrimonial popular em perspectiva crítica possibilitando ao futuro docente manejar esses recursos para fins pedagógicos de produção e reprodução da memória. Oferecer recursos para o reconhecimento do patrimônio cultura das comunidades tradicionais. Por ter caráter extensionista a disciplina possibilita ao estudante interação social para a realização de atividade específica junto à comunidade, para a Universidade abre espaço potencial criativo para elaboração de novas metodologias de ensino-aprendizagem e conhecimento acerca das comunidades tradicionais.

Ementa:

Estudo da produção e o consumo da arte na sociedade brasileira, oferecendo elementos de análise sob a ótica da identidade e da memória para compreensão e interpretação do patrimônio cultural, considerando sua ampla complexidade como fenômeno social que engloba dimensões distintas sob a ótica histórica, educacional, política, cultural e artística. Apresentar o campo do patrimônio em perspectiva popular e crítica como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional colocando o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento pessoal e coletivo. Explorar temas como Cultura material e imaterial, Educação patrimonial, Valor e proteção dos bens culturais, Herança e identidade patrimonial, Sensibilização e conscientização dos bens patrimoniais das comunidades, institucionalização do patrimônio.

Metodologias extensionistas:

Nesta unidade os/as estudantes farão o levantamento de patrimônios materiais que foram perdidos ao longo do processo histórico (Ex: Fazendas na Caçandoca, Saco das Bananas e Praia da Lagoa, entre outros), tanto por meio da escuta dos mais velhos das comunidades, quanto por meio de acervo histórico sobre as comunidades produzidos por pesquisadores/as. A proposta é levar o resultado para apresentar aos atuais moradores e fazer uma escuta das comunidades sobre o impacto desta destruição para a construção e manutenção identidade cultural. O resultado do processo será a produção de um material (escrito ou audiovisual) a ser disponibilizado às comunidades envolvidas.

Bibliografia Básica:

ABREU, Regina. A fabricação do imortal - memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ARANTES, Antonio Augusto. (Org.). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TOLENTINO, A. B. Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. esp. 27, p. 133-148, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/158560>.

Bibliografia complementar:

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1989

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil: Legislação e Políticas Estaduais. Brasília: Unesco; Educarte, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro et al. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: Iphan; DAF; Cogedip; Ceduc, 2014.

MURTA, Stella Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FREIRE, Paulo. Educação Popular. Gráfica e Editora Todos os Irmãos Ltda. São Paulo, 1984

LEFF, Henrique. Ecologia, Capital e Cultura. A territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENESES, U. B. T. O patrimônio cultural entre o público e o privado. In: DPH [DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO]. O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p.189-194.

MENESES, U. B. T. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAGIZI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. Turismo. Espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

SIVIEIRO, F. Para além das fronteiras: patrimônio cultural, educação e territórios educativos. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. esp. 17, p. 111-132, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/issue/view/11073>. Acesso: 10 ago. 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27espp111-132>

SIQUEIRA, Priscila. Genocídio dos Caiçaras. São Paulo: Scortecci Editora, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOARES, André Luis Ramos . Educação Patrimonial : Valorização da Memória, construção da cidadania, formação da identidade cultural e desenvolvimento regional .in. SOARES.A L R. Educação Patrimonial Relatos e Experiências. Ed. UFSM, 2003.

Nome: Território e turismo de baixo impacto ambiental (tópicos especiais de Geografia)

Carga Horária: 48h

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

Analisar os conceitos, discussões científicas acerca da relação entre território e turismo de baixo impacto ambiental e implementação de turismo comunitário. O curso pretende tratar das diferentes formas pensar turismo nestas modalidades por meio da apresentação de diversas experiências brasileiras, em especial as desenvolvidas em comunidades tradicionais quilombolas, caiçaras e indígenas. De caráter extensionista a disciplina permite aos estudantes interação social na elaboração de um projeto comunitário, bem como o desafio de vê-lo testado junto a lideranças comunitárias. Para a Universidade a disciplina contribui com novas possibilidades de mediação educacional e produção de conhecimento junto às comunidades tradicionais.

Ementa:

Apresentar diversas experiências de turismo de baixo impacto ambiental e turismo comunitário e a importância dessas práticas para a formação das crianças e jovens da comunidade. O curso se propõe a não se concentrar em um marco conceitual exclusivo para pensar o turismo de base comunitária e valorizar a de olhares e perspectivas epistêmicas. Muitas são as abordagens possíveis e as referências que podem guiar um discurso que busque definir esta atividade que em sua essência é diversa, respeitando a diversidade de contextos, histórias, lugares e pessoas que fazem de cada uma das iniciativas autoproclamadas “comunitárias” únicas. Conhecer os principais conceitos e princípios que definem o Turismo de Base Comunitária a nível mundial e nacional. O histórico de consolidação do TBC no Brasil. TBC: segmento, modelo de gestão ou movimento social? A Economia Solidária e o TBC.

Metodologia extensionista:

Os/as estudantes deverão elaborar um projeto fundamentado nos princípios do Turismo de Base Comunitária para ser implementado por uma comunidade tradicional. A proposta é que

em diálogo prévio com lideranças comunitárias sobre o esse tipo de turismo que se ofereça um projeto, com base nas necessidades do grupo, para que possa ser implementado no futuro pela comunidade. O plano deve ser apresentado com todas as etapas de implementação, incluindo necessidades de recursos financeiros, para lideranças comunitárias. Deve ser elaborado material de apoio com caráter didático para futura implementação a ser disponibilizado para as comunidades. Os recursos para deslocamento dos/das estudantes e produção de material está previsto nos recursos oferecidos pela Capes ao projeto.

Bibliografia Básica:

BARRETO, Leilianne Michelle Trindade da Silva; SILVA, Ricardo Lanzarini Gomes (coord.). Turismo de base comunitária : guia prático para comunidades e turistas. Natal: UFRN/SEDIS, 2023. 30 p.

BENEVIDES, Ireno. Turismo e Produção – Dimensões e Olhares em Parceria. Fortaleza: BN/UFC, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Política de Turismo e Território. São Paulo: Contexto, 2001.
SANTOS, Milton. Por uma Outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000

Bibliografia complementar:

BENI, Mario. “Um outro turismo é possível? – a recriação de uma nova ética”. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (Orgs.). Um Outro Turismo é Possível. São Paulo: Contexto, 2004, p. 11-24.

BOTELHO, E. S.; RODRIGUES, C. G. O. Inserção das iniciativas de base comunitária no desenvolvimento do turismo em parques nacionais. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, 2016.

CARNEIRO, Fernanda. Herdeiros da Terra: Memória, Alteridades e Comunidade – o Encontro entre Nativos e Biribandos dos Anos 70 em Trancoso, Sul da Bahia. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2003.

CORIOLOANO, Luzia (Org.). Turismo com Ética. Fortaleza: FUNECE, 1998.

_____. (Org.). O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local. Fortaleza: FUNECE, 2003.

FABRINO, Nathalia Hallack; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; COSTA, Helena Araújo. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, 2016.

URANO, D. G.; SIQUEIRA, F. S.; NÓBREGA, W. R. M. Articulação em redes como um processo de construção de significado para o fortalecimento do turismo de base comunitária. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, 2016.

Nome: História do Brasil Afrocentrada

Carga Horária: 24

T-P-E-I: 2-1-1-2

Objetivos:

Tem como objetivo analisar a historiografia negra sobre a História do Brasil e de pesquisadores/as que pensam desde África. Examinar discursos, conceitos e interpretações fundamentais à compreensão dos processos históricos brasileiros nesta perspectiva.

Ementa:

Compreensão dos processos históricos brasileiros em perspectiva africana e afro-brasileira. Apresentar criticamente a história do Brasil a partir da participação de sujeitos negros (homens e mulheres) ao longo de nossa história. Propor uma revisitação à dita história brasileira, a partir de uma leitura verticalizada das ações e trajetórias de vida da população negra que, comumente, foi excluída de grande parte dos espaços de poder e de prestígio do país. Num diálogo fundamental com sociedades africanas das quais somos originários, bem como com sociedades americanas com as quais o Brasil se relacionou, abordar a longa duração da história brasileira, com ênfase na nossa experiência independente e soberana, a partir de 1822, chegando a debates dos dias atuais.

Bibliografia Básica:

ALENCASTRO, L. F. de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação. Abolição, raça e cidadania no Brasil*. São Paulo. Cia das Letras, 2009.

ALMEIDA, Marilea. *Devir Quilombola*. São Paulo, Editora Elefante, 2022.

FARIAS, Juliana. STOLZE, I., RODRIGUES, A. (orgs). *A Diáspora Mina. Africanos Entre o Golfo do Benim e o Brasil*. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2021.

SANTOS, Ynaê Lopes. *História da África e do Brasil Afrodescendente*. Rio de Janeiro, Editor Pallas, 2017.

Bibliografia complementar:

LORENTINO, M. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RUSSEL-WOOLD, A. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, RJ : Civilização Brasileira, 2005.

SEGATO, Rita. *Crítica da Colonidade em oito ensaios: Antropologia por demanda*. Bazar do Tempo, 2019.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Fiocruz, 1996.

PEREIRA, Amauri Mendes. *Trajetória e perspectivas do movimento negro brasileiro*. Belo Horizonte, MG : Nandyala, 2008

Nome: Desigualdade diversidade: reflexões sobre cultura, educação e sociedade

Horas: 48h

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

Apresentar, partindo de uma perspectiva antropológica e seus referenciais, categorias analíticas e teses acerca da construção das desigualdades, determinismos analíticos, e noções relevantes para compreender diversidade racial, de gênero e de povo. Introduzir o/a estudantes em referenciais teóricos da Antropologia. Por ter carga extensionista, os/as estudantes terão a oportunidade de realizar uma atividade envolvendo mestres de notório saber em ambiente escolar. A atividade exige do estudante interação social, capacidade de planejamento de atividade e sensibilidade. A Universidade ganha espaço potencial para realização de práticas diferenciadas de educação.

Ementa:

Determinismos analíticos e o estabelecimento de hierarquias: raça e gênero na construção das desigualdades • Genocídio e etnocídio contra grupos minoritários • Colonialismo e a descoberta das tradições locais • Relativismo cultural e etnocentrismo • Noções de cultura e natureza • Como trabalhar questões que envolvem diversidade racial, de gênero, de povo e outras na escola e na comunidade.

Metodologia extensionista:

Os/as estudantes devem realizar uma escuta seguida de intervenção acerca da *ancestralidade e identidade* em um contexto escolar, preferencialmente em Escola Quilombola ou do Campo que atendem alunos/as dos territórios envolvidos. A atividade deve ser elaborada no diálogo com Mestres das comunidades. A proposta é que haja uma escuta da comunidade escolar, discentes, docentes e outros membros das comunidades sobre qual o sentido desses termos para eles, ancestralidade e identidade. Esses depoimentos devem ser registrados (gravações ou notas). Após a finalização da escuta, esse material deve ser compartilhado com mestres de notório saber da comunidade para organizar uma atividade de intervenção que pode ser uma

aula, uma atividade cultural, uma roda de conversa, uma atividade de expressão artística em contexto escolar.

Bibliografia básica:

ALBERT, Bruce. “O eu que é um outro (e vice-versa)”. In: Kopenawa, D. e

Albert, B. A Queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em movimento”. Estudos avançados 17, (49), 2003.

CLASTRES, Pierre. “Do etnocídio”. In: Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

DUARTE, Neli. Minha vida como estudante no mundo dos brancos. Revista de Antropologia 60 (1), 2017.

KOPENAWA, Davi. “Descobrimos os Brancos”. In: Novaes, Adauto. A outra margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Bibliografia complementar

BALANDIER, Georges. O mito da ordem primordial. A ciência perde a harmonia. In: A Desordem: Elogio do movimento. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997, pp. 17-65.

BOAS, Franz. “Raça e progresso”. In Castro, C. (org.). Franz Boas – antropologia cultural. RJ: Zahar, 2011

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. A invenção das tradições. 2a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

Nome: Pesquisa Dirigida

Horas: 24

T-P-E-I: 2-0-0-6

Objetivos:

A disciplina Pesquisa Dirigida tem o objetivo de incentivar a produção de trabalhos escritos sobre pesquisas na área de Ciências Humanas realizadas pelos discentes ao longo do curso. Poderão ser aprofundadas pesquisas desenvolvidas que envolvam alguma dimensão de pesquisa, relato ou registro realizados ou de temas abordados e trabalhados previamente pelos estudantes nas disciplinas específicas do curso. Considerando a importância da prática da escrita no trabalho de um(a) profissional da área de humanas(a), professor(a), educador(a), essa disciplina tem o objetivo de estimular o exercício da escrita e da divulgação do conhecimento produzido na Universidade, no âmbito da LEC.

Ementa:

A disciplina Pesquisa Dirigida deve ser cursada no final do curso, preferencialmente. A disciplina terá a supervisão de um(a) professor(a) orientador(a) que atua junto ao responsável pela disciplina. Sua condução contempla conteúdos de Metodologia de Pesquisa. A Pesquisa Dirigida poderá ser resultado de um desdobramento de trabalho de pesquisa anteriormente realizado pelo(a) estudante ou a um trabalho de pesquisa relacionado aos projetos de extensão desenvolvidos durante a graduação, ou ainda, como aprofundamento de uma das temáticas desenvolvidas no âmbito das disciplinas obrigatórias específicas da Licenciatura em Educação do Campo. Este componente curricular deverá gerar trabalhos escritos, preferencialmente artigos (acadêmicos ou de divulgação científica).

Bibliografia:

DEMO, Pedro. Metodologia científica em Ciências Sociais, São Paulo, Atlas, 1995.

RAGO, Margareth. *A Aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23^a edição. São Paulo: Cortez, 2014.

Bibliografia complementar:

A ser indicada pelo docente do curso a depender dos temas pesquisados.

Nome: Saberes e temporalidades tradicionais

Horas: 48

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

A disciplina tem o objetivo de apresentar aos estudantes e às estudantes os saberes tradicionais do Litoral Norte representados pelos/pelas Mestres das comunidades tradicionais. Promover a escuta e a criação de laços entre estudantes e Mestres é um dos principais objetivos da disciplina, além da aproximação com os conhecimentos tradicionais. De caráter extensionista a disciplina coloca o/a estudante diretamente em contato com mestres de notório saber, seu modo de vida e de articulação da realidade, o que abre por si só o mundo do estudante para outras formas de saber. A Universidade com o material produzido nos encontros tem acesso a saberes científicos privilegiados produzidos fora do âmbito acadêmico que podem ser apropriados na condução dos cursos dentro do espaço universitário.

Ementa:

A disciplina apresentará e resgatará elementos do conhecimento ancestral africano, afro-brasileira, caiçara, quilombola presentes no território do Litoral Norte. Incentivar a preservação das suas tradições orais e ritualísticas, assim como suas expressões culturais. Por meio de itinerâncias entre diferentes grupos, promoveremos encontros, oficinas, e seminários incentivando a colaboração entre praticantes, estudantes, mestres e comunidade.

Metodologias extensionistas:

Os/as estudantes devem complementar o levantamento inicial feito pela coordenação do curso de mestres das comunidades tradicionais, feito isso devem participar ativamente do processo de organização das atividades que serão realizadas no âmbito da disciplinas com esses/essas mestras, desde o convite até a chegada dos/das Mestres ao espaço da escuta- aprendizado e sempre que possível transformar os encontros em espaços abertos à comunidade, divulgando a atividade na forma de um evento aberto. Os encontros serão dedicados às escutas dos saberes dos/das mestres e o que eles têm para ensinar. Além disso, os encontros com mestres devem ser registrados (na oralidade não formal) e divulgados para gerar material cultural para escolas e comunidades.

Bibliografia básica:

A ser indicada conforme o/a convidado/a.

Bibliografia complementar:

Moraes, Nelson, Baptaglin, Leila e outros autores. Povos originários e comunidades tradicionais, São Paulo: Editora 34, 2019 volume 1 ao 10.

Nome: Territórios quilombolas: modos de produção de vida, modos de produção de conhecimento e do espaço

Horas: 48

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos

Analisar os conceitos, discussões historiográficas, antropológicas, filosóficas e interpretações, bem como a produção local e escuta das comunidades acerca do modo de vida quilombola que permitam compreender as dinâmicas da constituição política, social e subjetiva destas comunidades. Compreender o modo de vida quilombola em suas múltiplas dimensões na articulação com os territórios e formas de produção do conhecimento. De caráter extensionista, a disciplina exige que o/a estudante com supervisão de um mestre ou liderança comunitária proponha melhorias para o cotidiano da comunidade. O processo de elaboração e apresentação da proposta, exige o desenvolvimento de habilidade de escuta, bom senso, facilidade de comunicação e outras habilidades sociais fundamentais para o exercício de ser humano.

Ementa

Apresentar, produzir e reproduzir conhecimento coletivo sobre a cultura das comunidades quilombolas, seu modo de vida, produção e reprodução de conhecimento em múltiplas dimensões, no que diz respeito ao conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, na relação com a natureza e com os outros membros da comunidade e sociedade, modo de produção da vida (tipo de moradia, instrumentos de trabalho e outros) e não-materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos, filosofia).

Metodologias extensionistas:

O grupo de estudantes devem observar-perceber a vida da comunidade quilombola em relação a influência da natureza em suas atividades laborais, ritualísticas e econômicas. Com a supervisão de um/uma mestre da comunidade ou liderança comunitária devem sugerir coletivamente propostas de melhorias dentro desse ciclo. Deve haver uma devolutiva desse processo à comunidade com a organização de um encontro em que os/as estudantes apresentem as propostas e engajem a comunidade nos aspectos apresentados.

Bibliografia básica:

Almeida, Alfredo Wagner B. de. 1989. “Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio – uso comum e conflito” Em Hábette, J. e Castro, Edna (org.) Na trilha dos grandes projetos. Belém: NAEA/UFPA

Almeida, Alfredo Wagner B. de. 1996. "Quilombos: sematologia face a novas identidades". Em Frechal – terra de preto, quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luís: SMDDH/CCN - PVN.

Almeida, Alfredo Wagner B. de. 1997. "Quilombos: repertório bibliográfico de uma questão redefinida". Em Quilombos em São Paulo. Tradições, Direitos e Lutas. São Paulo: Governo do Estado.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreição, guerrilhas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1993.

Bibliografia complementar:

Brasil/Difel. Arruti, J. M. A. (1997). A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. MANA, 3(2), 7-38.

Calheiros, F. P. & Stadtler, H. H. C. (2010). Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. Revista Katálysis, 13(1), 133-139. Acesso em 10 de março, 2013, em <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/16.pdf>

Ciampa, A. C. (1983). A estória do Severino e a história da Severina São Paulo: Brasiliense.

Freitas, D. (1984). *Palmares A guerra dos escravos* Porto Alegre: Mercado Aberto.

Hall, S. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade* Rio de Janeiro: DP&A.

Leite, I. B. (2000). *O quilombo no Brasil: questões conceituais e normativas* Florianópolis: NUER/UFSC.

Moura, M. G. V. (1997). *Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros: o currículo invisível da festa* Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nascimento, Abdias. 1980. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 281p.

Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* São Paulo: Companhia das Letras.

Nome: Saúde e território

Horas: 48

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos:

A partir da perspectiva teórica da Geografia crítica e do campo da Saúde discutir os principais conceitos que permitam pensar a articulação entre saúde e território nas comunidades caiçaras e quilombolas. Propiciar aos estudantes e às estudantes o uso das categorias analíticas do curso para mapear o território considerando questões de Saúde. De caráter extensionista a disciplina objetiva colocar o estudante em contato direto com a comunidade em processo de escuta, sistematização de relatos e devolutiva orientada por saberes locais e científicos acerca de temáticas ligadas à Saúde e seu vínculo com território.

Ementa:

Discutir as implicações da história na compreensão do espaço. Discutir as implicações do espaço na compreensão da história. Apresentar as principais concepções de espaço e território na atualidade. Apresentar o nascimento e desenvolvimento da Geografia Crítica. Principais conceitos desenvolvidos por Milton Santos para a compreensão de território. A concepção de determinação social de saúde e suas interrelações com a noção de território.

Metodologias extensionistas:

O respeito a natureza, agricultura familiar, atividade física, saneamento básico (qualidade e uso da água) influenciam na saúde e bem-estar dos comunitários. Por meio da escuta de relatos dos comunitários sobre como está a ingestão dos alimentos da terra, mar, das ervas medicinais e suas atividades (sedentárias ou ativas) os/as estudantes devem produzir com essa vivência e pesquisa um material em que haja além dos dados que aparecem nos relatos, aspectos que surgiram e que possibilitem reflexões sobre a qualidade de vida da comunidade. O resultado do processo deve ser compartilhado em forma de oficinas às comunidades em que será apresentado os dados levantados e discussão orientada por saberes locais e acadêmicos acerca de temas que apareceram nos discursos da comunidade.

Bibliografia básica:

Ferreira Joelson e Erahsto Felicio, Por terra e território – caminho da revolução dos povos no

Brasil, Teia dos Povos, Assentamento Terra Vista, BA, 2021

Santos, Milton. Técnica, espaço e tempo - globalização e meio técnico-científico informacional, 190 páginas, Editora HUCITEC, São Paulo SP, 1.996

_____. O retorno do Território. In: SANTOS, Milton et al. (Org.). Território: Globalização e Fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998b. p. 15-20.

Bibliografia complementar:

SANTOS, Milton. Por Uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

RUCKERT, Bianca; CUNHA, Daisy M.; MODERNA, Celina M. Saberes e práticas de cuidado em saúde da população do campo: revisão integrativa da literatura. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 22, n. 66, p. 903-914, 2018. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0449>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0449> Acesso em: 29 set. 2022.
» <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0449>

Nome: Pesquisa dirigida (enfoque sociológico para juventudes no território)

Horas: 48

T-P-E-I: 2-2-0-4

Objetivos:

Ofererecer recursos metodológicos para a realização de uma pesquisa de campo no território sobre temática e problemas vinculados às juventudes nas comunidades tradicionais.

Ementa:

O que é uma pesquisa científica? O que é uma pesquisa sociológica? Pesquisa de campo, principais recursos. Elaboração de projeto conjunto e saída a campo. Socialização do conhecimento produzido.

Bibliografia básica:

Bourdieu P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus; 1996.

Oliveira PS. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: Oliveira PS. Metodologia das ciências humanas. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1998. p. 17-26.

Bel J. Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Giddens A. Sociologia. 4. ed. Porto Alegre: Artmed; 2006.

Bibliografia complementar:

A ser indicada pelo/pela docente em função do projeto.

Nome: História da filosofia em perspectiva global

Horas: 48

T-P-E-I: 4-1-1-4

Objetivos

Avaliar a produção e reprodução do conhecimento filosófico em perspectiva global de forma a aproximar o conhecimento filosófico das comunidades tradicionais. Apresentar referenciais da Filosofia não exclusivamente europeus e em perspectiva anticolonial. Pensar o movimento o da História da filosofia para além dos tempos estabelecidos pela Modernidade europeia.

Ementa

Discutir as implicações da história da Filosofia tal como é normalmente ensinada *desde* o Sul. Implicar os/as pensadores em questões acerca da universalidade, da localidade e cosmopolitismo e da produção do pensamento filosófico. Pensar a partir de referenciais filosóficos em perspectiva global. Usar a categoria de Sul Global para reorientar a História da Filosofia. Exame do programa decolonial. O valor do pensamento europeu canônico: limite e extensão. A tradição da filosofia na América Latina e em África.

Bibliografia básica:

DUSSEL, E. 20 teses de política, São Paulo: Expressão popular, 2006.

DUSSEL, Enrique. Política de la liberación: arquitectónica. Madrid: Trotta, 2009.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2004.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Bibliografia complementar:

DUSSEL, Enrique. 16 Tesis de economía política: interpretação filosófica. México: Siglo Veintiuno, 2014.

DUSSEL, E. Carta aos indignados, Colônia de Santa Cruz: La Jornada, 2011

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Posmarxismo sin pedido de disculpas. In: LACLAU, Ernesto. Nuevas Reflexiones Sobre la Revolución de Nuestro Tiempo Buenos Aires: Nueva Visión, 2000. LACLAU, Ernesto. Emancipación y diferencia Buenos Aires: Ariel, 1996.

LACLAU, Ernesto. Identidad y hegemonía: el rol de la universalidad en la constitución de lógicas políticas. In: BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ZIZEK, Slavoj. Contingencia, Hegemonía, Universalidad: Diálogos contemporáneos en la izquierda. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003

GALEANO, Subcomandante Insurgente. Contra a Hidra Capitalista. Tradução Camila de Moura. São Paulo: N-1 Edições, 2021.